

**A SEMANA – 211\***

14 de junho de 1896

A publicação da *Jarra do Diabo* coincidiu com a chegada de Magalhães de Azeredo.<sup>1</sup> Já tive ocasião de abraçar este jovem e talentoso amigo. É o mesmo moço que se foi daqui para Montevideu começar a carreira diplomática. A natureza, naquela idade, não muda de feição; o artista é que se aprimorou no verso e na prosa, como os leitores da *Gazeta* terão visto e sentido. Esse filho excelente volta também marido venturoso, e brevemente embarca para a Europa, onde vai continuar de secretário na legação junto à Santa Sé. Tudo lhe sorri na vida, sem que a Fortuna lhe faça nenhum favor gratuito; merece-os todos, por suas qualidades raras e finas. Jamais descambou na vulgaridade. Tem o sentimento do dever, o respeito de si e dos outros, o amor da arte e

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 165, p. 1, 14 jun. 1896), SEMMA (p. 324-327) e SEM1953 (v. 3, p. 198-203). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> A amizade entre Machado de Assis e Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963) se iniciou em 1889, quando Azeredo, residindo em São Paulo, viajou ao Rio de Janeiro para providenciar a impressão de seu primeiro livro de poesias (*Inspirações da infância*). Ubiratan Machado (2021, p. 65) diz: “Tendo ingressado na diplomacia, Azeredo foi escalado para servir na legação brasileira de Montevideu, partindo para o Uruguai em janeiro de 1895. [...] Em crônica publicada na mesma seção [‘A Semana’] (‘Gazeta de Notícias’, em 14 de junho de 1896), Machado registra a volta do amigo ao Rio. No entanto, pouco se viram. Com medo da febre amarela, Azeredo e a esposa foram para Petrópolis; seis meses depois era exonerado do quadro de funcionários do Ministério das Relações Exteriores. A imprensa monarquista protestou, invocando uma suposta represália pelo fato de Azeredo estar ligado a monarquistas. Machado não se manifestou. O poeta foi reintegrado no posto em dezembro de 1897”. O conto “Jarra do Diabo” foi publicado na *Gazeta de Notícias*, em três números: (ano XXII, n. 159, p. 1-2, 8 jun. 1896; n. 161, p. 1-2, 10 jun. 1896; e n. 163, p. 1-2, 12 jun. 1896). Em carta a Magalhães de Azeredo, datada de 4 de maio de 1896, Machado de Assis escreveu: “Vamos à *Jarra do Diabo*; li-a com muito prazer. A ideia é linda, e o estilo rico e apurado. Não se vexa dos louvores que ouvir; está na idade de os ir merecendo, pelo natural progresso do espírito e da imaginação. [...] O Ramiz Galvão, com quem me entendi, sobre a publicação, fez-me notar que não dará menos de seis colunas, e que as proporções da *Gazeta* e afluência de matéria não permite a satisfação de nosso desejo [a publicação integral num só número do jornal]. A princípio, resolvi escrever-lhe para que me dissesse se consentia na divisão; mas logo depois, resolvi o contrário; o Ramiz prometeu-me que ele mesmo faria a divisão, no melhor ponto possível, e eu pedi-lhe que me mostrasse antes da impressão.” (ASSIS, 1969, p. 84-85) Em carta datada de 20 de maio de 1896 (ASSIS, 1969, p. 86), enviada de Montevideu, Magalhães de Azeredo escreveu: “Estimei muito o seu juízo sobre a *Jarra do Diabo*. A sua esclarecida e elevada consciência de homem e de escritor é uma das poucas que me inspiram absoluta confiança.”

da família. Ao demais, modesto, – daquela modéstia que é a honestidade do espírito, que não tira a consciência íntima das forças próprias, mas que faz ver na produção literária uma tarefa nobre, pausada e séria.

Quando Magalhães de Azeredo<sup>2</sup> partir agora para continuar as suas funções diplomáticas, deixará saudades a quantos o conhecem de perto. Os que a idade houver aproximado daquela outra viagem eterna, é provável, – é possível, ao menos, – que o não tornem a ver, mas guardarão boa memória de um coração digno do espírito que o anima. Os moços, que aí cantam a vida, entrarão em flor pelo século adiante, e vê-lo-ão, e serão vistos por ele, continuando na obra desta arte brasileira, que é mister preservar de toda federação.<sup>3</sup> Que os Estados gozem a sua autonomia política e administrativa, mas componham a mais forte unidade, quando se tratar da nossa musa nacional.

Por meu gosto não passava deste capítulo, mas a semana teve outros, se se pode chamar semana ao que foi antes uma simples alfândega, tanto se falou de direitos pagos e não pagos. Eis aqui o vulgar, meu caro poeta da *Jarra do Diabo*; aqui os objetos não se parecem, como a tua jarra, com “uma jovem mulher ateniense.” São fardos, são barricadas e pagam taxas, outros dizem que não pagam, outros que nem pagarão. Uma balbúrdia. Eu, posto creia no bem, não sou dos que negam o mal, nem me deixo levar por aparências que podem ser falazes. As aparências enganam; foi a primeira banalidade que aprendi na vida, e nunca me dei mal com ela. Daquela disposição nasceu em mim esse tal ou qual espírito de contradição que alguns me acham, certa repugnância em execrar sem exame vícios que todos execram, como em adorar sem análise virtudes que todos adoram. Interrogo a uns e a outros, dispo-os, palpo-os, e se me engano, não é por falta de diligência em buscar a verdade.<sup>4</sup> O erro é deste mundo.

No caso da alfândega, não posso negar que as aparências são criminosas; mas serão crimes os atos praticados? *Ecco il problema*, diria enfaticamente o finado Rossi.<sup>5</sup> Não se tratará antes de anúncios, reclamos, pufes,<sup>6</sup> – censuráveis decerto, – mas enfim anúncios? Ninguém ignora que não há nesta cidade, em tal matéria, excesso de invenção.

<sup>2</sup> Magalhães de Azeredo] Magalhães Azeredo – em GN e em SEMMA. Seguimos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>3</sup> Este período começa ao pé da primeira coluna da crônica (onde há palavras que se não pode ler no fac-símile digitalizado da Hemeroteca Digital Brasileira). Adotamos, nesses casos, as lições de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>4</sup> Machado de Assis comenta um aspecto central em seu pensamento – o método dialético.

<sup>5</sup> “*Ecco il problema*” – (“Eis a questão”) – é a famosa passagem do *Hamlet* (ato II, cena II), de Shakespeare: “that is the question”. Ernesto Rossi (1827-1896), ator dramático italiano, levou aos palcos *Hamlet*, *Otelo* e outras peças do escritor inglês. Machado de Assis admirava os trabalhos do ator, como podemos ver em carta de 20 de julho de 1871 a Salvador de Mendonça: “Olha Shakespeare. Nenhum poeta imprimiu vitalidade própria nas páginas dos seus dramas; nenhum parece dispensar tanto o prestígio do tablado. E, contudo, poderia o Rossi, poderia ninguém reproduzi-lo com tanta verdade se se limitasse a ler e decorar-lhe os caracteres? A vida que a esses caracteres imortais deu a nossa imaginação, sentimo-la em cena quando o gênio prestigioso de Rossi os interpreta e traduz não só com alma, mas com inteligência criadora.” (ASSIS, 2009, p. 28)

<sup>6</sup> pufes,] puffs, – em GN e em SEMMA; *puffs*, em SEM1953.

Ao contrário, a imitação é fácil, pronta, despejada. Quando, há muitos anos, um negociante americano quis abrir na rua do Ouvidor um depósito de lampiões e outros objetos de igual gênero, começou por mandar imprimir, no alto dos principais jornais desta cidade, uma só palavra, em letras que ocupavam toda a largura da folha. A palavra era: *abrir-se-á*. Grande foi a curiosidade pública, logo no primeiro dia, e nos dois que se lhe seguiram, lendo-se a palavra repetida, sem se poder atinar com a explicação. No quarto dia cresceu o espanto, quando no mesmo lugar saiu esta pergunta, que resumia a ansiedade geral: *O que é que se há de abrir?* Mais três dias, e as folhas publicaram no alto, em letras gordas, a resposta seguinte: “*O grande empório de luz, à rua do Ouvidor n...*”<sup>7</sup>

O efeito da novidade foi enorme. Pois não faltou quem imitasse esse processo, que parecia gasto. Casas, exposições, liquidações, não me lembra já que espécies de aberturas solenes, recorreram ao anúncio americano. Onde falta invenção, é natural que a imitação sobre.

Mas por que ir tão longe? Recentemente, presentemente, vimos e vemos que a lembrança de recomendar um remédio por meio de comparação da pessoa enferma, antes, durante e depois da cura, tão depressa apareceu, como foi logo copiada e repetida. – *Eu era assim* (uma cara magra); – *ia quase ficando assim* (uma caveira); *até que passei a ser assim* (uma cara cheia de saúde), *depois que tomei tal droga*. A fórmula primitiva serviu para as imitações, creio que sem alteração, a não ser o desenho das caras, e não todas.<sup>8</sup>

Ora bem, os fardos e caixas cujos direitos dizem ter sido desfalcados, não serão propriamente remédios? As guias de pagamento de taxas na alfândega não serão fórmulas de reclamo? – “Eu era assim (4:954\$723); – ia quase ficando assim (4\$723); – mas acabei ficando assim (954\$723), depois que tomei tal droga.” A novidade aqui está na substituição do desenho por algarismos; mas não haverá nisso tão somente afetação de originalidade, um modo de fazer crer que se inventa, quando apenas se copia, pois a ideia fundamental é a mesma? A questão é saber qual droga faz sarar o enfermo. Pode ser até que nem se trate de droga, mas de outros produtos, – não digo sedas, – mas algodão e análogos tecidos, não menos dignos de anúncios grandes por seus não menores milagres.

Tal é a minha impressão. A polícia faz muito bem averiguando se há mais que isto; não se perde nada em inquirir os homens. De resto, anda aí tanta coisa falsa, que provavelmente o remédio não cura com a facilidade que as guias lhe atribuem. Atos de autoridade competente afirmam que há quem venda por vinho champagne<sup>9</sup> águas que

<sup>7</sup> Não localizamos os anúncios a que se refere o cronista.

<sup>8</sup> caras, e não todas.] caras, e não todas, – em GN. Ver anúncio do “xarope de alcatrão e jataí” em *O Paiz* (ano XIII, n. 4110, p. 6, col. 5, 3 jan. 1896), ao final desta crônica.

<sup>9</sup> vinho champagne] vinho-champagne – em SEM1953.

nunca por lá passaram.<sup>10</sup> Custa-me admitir isto; mas, não tendo razão para desmentir a afirmação, calo-me; – calo-me e não bebo. Tudo isto se prende aos desvios da alfândega, ao contrabando, à falsificação, a outras formas do mal, que não se devem eliminar sem base. Oh! se pudessemos viver de maneira que todas as taxas se pagassem, sem alfândega, indo os introdutores ao próprio Tesouro, com o dinheiro, sem precisar mostrar nem esconder nada, seda ou vinho... Não pode ser. Há talvez um fraudulento em muito homem a quem não falta mais que uma guia e o resto...



**DU M ASSIM**

Cheguei a ficar quasi assim !!

Sofria horrivelmente dos pulmões mas graças ao milagroso **Xarope de Alcatrão e Jataí**, preparado pelo farmacêutico Honorio do Prado

**CONSEGUI FICAR ASSIM !!**

**COMPLETAMENTE CURADO E DONITO !!**

Esse xarope cura

**Tosses**  
**Bronchites**  
**Asthma**  
**Rouquidão**  
**Coqueluche e**  
**Escarros de sangue**

Preço do vidro... 1\$500

Único depósito nesta capital  
**J. M. Pacheco & C.**  
**59 RUA DOS ANORADAS 59**  
VENDAS A VAREJO  
Honorio do Prado – Lavradio n. 115

**XAROPE DE ALCATRÃO E JATAÍ**

Fonte: *O Paiz*, ano XIII, n. 4110, p. 6, 3 jan. 1896.

<sup>10</sup> Os jornais da época noticiavam casos de produtos falsificados – remédios, bebidas alcóolicas, entre outros. O cronista menciona a comercialização de vinho falsificado, notícia que circulava nos jornais nesta semana. (*Jornal do Commercio*, ano 75, n. 163, p. 3, col. 2, 11 jun. 1896)

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 165, p. 1, 14 jun. 1896. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=14353](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14353)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite; Ana Lima Cecilio; Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis: tomo II, 1870-1889*. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 92)

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.